



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (CCHL)
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANA LUÍZA DA SILVA CASTRO

**A FESTA DE COSME E DAMIÃO NA UMBANDA: TRADIÇÃO E DEVOÇÃO NA TENDA
ESPÍRITA DE UMBANDA ESTRELA DALVA**

TERESINA-PI

2025

ANA LUÍZA DA SILVA CASTRO

**A FESTA DE COSME E DAMIÃO NA UMBANDA: TRADIÇÃO E DEVOÇÃO NA TENDA
ESPÍRITA DE UMBANDA ESTRELA DALVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca
examinadora como requisito obrigatório para
obtenção do título de Licenciatura Plena em História
na Universidade Estadual do Piauí. Orientador:
Prof. Dr. Gustavo de Andrade Durão

TERESINA-PI

2025

C355f Castro, Ana Luíza da Silva.

A festa de Cosme e Damião na umbanda : tradição e devoção na
Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva / Ana Luíza da Silva
Castro. - 2025.

46 f.: il.

Monografia (graduação) - Licenciatura em História, Campus Poeta
Torquato Neto, Universidade Estadual do Piauí, Teresina-PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Andrade Durão".

1. Umbanda. 2. Religiosidade. 3. Simbolismo. 4. Cosme e Damião.
I. Durão, Gustavo de Andrade . II. Título.

CDD 981.22

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado força e perseverança para concluir esta etapa tão importante da minha vida. Agradeço imensamente à minha mãe Ana Celia e à minha irmã Ana Beatriz, que sempre foram meu refúgio pelo amor, apoio e incentivo constantes. Agradeço especialmente aos meus primos Leticia, Duda, João Guilherme, Maria, João Paulo, Gui, Joyce, Paulinho, Fran e mãe preta que trouxeram leveza e alegria para minha vida durante essa jornada, e aos demais familiares pelo carinho e suporte ao longo de toda a minha trajetória acadêmica.

Aos meus amigos Francisca, Grazi, Helem e Carlos Jorge, agradeço a amizade verdadeira e por estarem comigo nos momentos mais desafiadores da graduação. Agradeço de maneira especial ao meu namorado Hitalo, que sempre me apoiou e foi meu suporte emocional, demonstrando paciência e companheirismo durante todo o processo.

Registro minha gratidão aos professores e colegas de curso que contribuíram diretamente para minha formação, em especial ao meu orientador, professor doutor Gustavo de Andrade Durão, cuja dedicação e conhecimento foram fundamentais para a elaboração deste trabalho. Meu sincero agradecimento aos professores Ana Cristina Meneses de Sousa e Sérgio Romualdo Lima Brandim, que gentilmente aceitaram participar da banca avaliadora.

Agradeço também, à Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva, que abriu suas portas para mim e me permitiu vivenciar e observar a festa que inspirou este trabalho. Por fim, agradeço aos Encantados, cuja presença e inspiração foram o ponto central desta pesquisa, tornando possível a realização deste estudo.

Dedico este trabalho com todo o meu amor e gratidão à minha mãe, meu porto seguro e refúgio constante, cuja força e coragem sempre foram minha maior motivação. À minha irmã, companheira de alma, que sempre me apoiou e foi fundamental nessa jornada. E aos Erês, que me acompanham desde sempre, trazendo proteção, leveza e inspiração para seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores.

RESUMO

O trabalho A festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva tem como intuito revelar a profundidade simbólica e espiritual da religiosidade afro-brasileira, na qual a partilha dos doces e oferendas representa mais do que um gesto material — é uma expressão de afeto, fé e resistência cultural. O alimento, nesse contexto, adquire uma dimensão mágica e ritual, funcionando como canal de axé e meio de comunicação entre o humano e o divino. A celebração, marcada pela presença dos Erês, pelas cores, cânticos e danças, reafirma o poder da Umbanda em unir corpo, emoção e espiritualidade, criando um espaço de harmonia e coletividade. Além disso, a festa atua como instrumento de preservação da memória afro-diaspórica, fortalecendo os vínculos sociais e a identidade dos fiéis.

Palavras-chave: Umbanda. Cosme e Damião. Simbolismo.

ABSTRACT

The work “The celebration of Cosme and Damião at the Estrela Dalva Umbanda Spiritist Center reveals the symbolic and spiritual depth of Afro-Brazilian religiosity, in which the sharing of sweets and offerings represents more than a material gesture—it is an expression of affection, faith, and cultural resistance. Food, in this context, acquires a magical and ritual dimension, functioning as a channel of axé (spiritual energy) and a means of communication between the human and the divine. The celebration, marked by the presence of the Erês (child spirits), colors, chants, and dances, reaffirms the power of Umbanda to unite body, emotion, and spirituality, creating a space of harmony and collectivity. Furthermore, the festival acts as an instrument for preserving Afro-diasporic memory, strengthening social bonds and the identity of the faithful.

Keywords: Umbanda. Cosme and Damião. Symbolism

SUMÁRIO

INTODUÇÃO.....	9
1. COSME E DAMIÃO E A TRADIÇÃO UMBANDISTA.....	12
1.1. A Umbanda: Fundamentos e a Diversidade Cultural	12
1.2. Cosme e Damião: Simbolismo e a representação do Sagrado na Umbanda.....	20
2. A FESTA DE COSME E DAMIÃO NA TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA ESTRELA DALVA.....	27
2.1. A Tenda Espírita Estrela Dalva: História, práticas e organização religiosa	28
2.2. A celebração de Cosme e Damião: Rituais, simbolismos e comunidade	30
2.3 O simbolismo dos doces e das oferendas na linha dos Erês	31
3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBSERVADOS.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	27
Figura 2.....	29
Figura 3.....	36

INTRODUÇÃO

As celebrações afro-brasileiras possuem um significado profundo que vai além da festa em si. Elas representam a resistência e a continuidade das tradições culturais, religiosas e sociais de um povo historicamente marginalizado, que, ao longo dos séculos construiu uma rica herança no Brasil, em constante diálogo com as culturas indígenas, europeias, e mais recentemente, com as influências globais.

As influências dessas festividades na sociedade brasileira são amplas e complexas, abrangendo desde as manifestações religiosas, como o Candomblé e a Umbanda, até as expressões musicais e dançantes, como o samba, o maracatu e o axé. Esses elementos não se restringem apenas aos espaços de celebração em que surgiram, mas reverberam nas mais diversas áreas da vida social, artística e política do Brasil. A importância dessas celebrações transcende a esfera da religiosidade, tornando-se uma forma de resistência cultural diante das imposições coloniais e racistas que marcaram a história do país.

A Umbanda constitui uma das mais significativas expressões religiosas brasileiras, resultante do encontro entre matrizes africanas, indígenas e católicas, configurando um espaço de pluralidade espiritual e cultural. Em diversos terreiros espalhados pelo país, a religiosidade afro-brasileira é vivenciada de forma singular, integrando rituais, cânticos, danças e oferendas que expressam a relação do homem com o sagrado.

Segundo Diniz (1975), os terreiros de Umbanda são espaços de acolhimento e reorganização simbólica da vida, onde o sagrado se manifesta através das entidades e das práticas rituais que fortalecem os laços comunitários e espirituais. Entre as muitas celebrações presentes nesse universo religioso, destaca-se a festa de Cosme e Damião, que possui forte apelo devocional e cultural.

Dias (2014), observa que o culto aos santos gêmeos no Brasil surgiu a partir de um sincretismo que relaciona os santos católicos aos ibejis do candomblé que é um orixá criança, duas divindades infantis que representam a infância e a pureza das crianças e aos erês da Umbanda que são entidades com o espírito de crianças evoluídas que não chegaram a encarnar, resultando em uma devoção marcada por alegria, doçura e partilha. Essa associação simbólica, como explica o autor, evidencia as tensões e aproximações entre o catolicismo popular e as religiões de matriz africana, revelando o modo como a fé se reinventa no contexto brasileiro (Dias, 2024).

A festa dedicada a Cosme e Damião amplamente difundida em diversas regiões do país, assume características próprias conforme o contexto social e religioso de cada comunidade. Nascimento (2017) descreve que, em muitas localidades, o culto doméstico aos santos é acompanhado por oferendas de doces, brinquedos e alimentos, reforçando os valores da generosidade e da solidariedade.

De acordo com (Ortiz, 1985), o sincretismo religioso é discutido como um dos elementos centrais da formação cultural do Brasil, pois revela como diferentes tradições, tais como, indígenas, africanas e europeias, foram se combinando em um processo contínuo de negociação simbólica. Para o autor, o sincretismo é uma dinâmica marcada por relações de poder, na qual práticas religiosas subalternizadas reinterpretem elementos do catolicismo para garantir sua sobrevivência e legitimidade social.

Nessa perspectiva o sincretismo torna-se um mecanismo de criação cultural que expressa tanto resistência quanto adaptação, permitindo que grupos marginalizados preservem seu imaginário religioso ao mesmo tempo em que constroem novas formas de identidade.

Conforme enfatizam Farias e Weber (2021), a Umbanda em cidades como Teresina se consolidou não apenas como espaço religioso, mas também como manifestação cultural e resistência identitária frente às tentativas de marginalização. Essa perspectiva é compartilhada por Pimentel, Brito e Santana (2020), ao afirmarem que os estudos afro-diaspóricos revelam a relevância das práticas religiosas negras como instrumentos de afirmação e reconstrução histórica no Brasil contemporâneo.

Em diálogo com essas concepções, Alencar (2023) aponta que a vivência ritual nas casas de santo, especialmente nas festas públicas, é marcada por um entrelaçamento entre o sagrado e o profano, o comunitário e o individual, o material e o espiritual. A dança, o canto e a oferenda formam uma “trama de remendos”, na qual os fiéis tecem suas identidades religiosas e culturais.

De modo semelhante, Martins (2011) e Carvalho e Bairrão (2017) destacam que a Umbanda, em sua diversidade de linhas e fundamentos, estrutura-se a partir de princípios de equilíbrio e troca energética entre humanos e entidades espirituais, tendo nos rituais coletivos momentos de grande expressão simbólica.

Assim, estudar a festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva é compreender como a religiosidade afro-brasileira se materializa em práticas que unem fé, cultura e solidariedade. Como observa Bártolo (2018), a devoção

a esses santos ultrapassa o campo do sagrado, tornando-se também um “enredo de cidade”, um fenômeno que permeia a vida cotidiana, a sociabilidade e a identidade das comunidades que o celebram.

Desse modo, a análise da festa na Tenda Estrela Dalva possibilita refletir sobre o papel da Umbanda na preservação das tradições e na construção de sentidos espirituais que fortalecem os vínculos coletivos e afirmam a presença viva da cultura afro-brasileira no país.

Nesse contexto, a pesquisa busca responder a seguinte questão: Como se manifesta a tradição e a devoção a Cosme e Damião na Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva e de que maneira essa celebração produz significados religiosos, identitários e comunitários para seus participantes?

Com o objetivo de compreender essas dinâmicas, este trabalho tem como objetivo geral analisar a festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva, identificando suas práticas, simbolismo e sentidos atribuídos à tradição. Para isso foram definidos como objetivos específicos, descrever como ocorre a celebração no terreiro, investigar os elementos simbólicos, rituais e materiais presentes na festa; compreender o significado da devoção à Cosme Damião no contexto da umbanda e analisar como essa celebração contribui para a construção da identidade religiosa no grupo.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa fundamentada em abordagem etnográfica e descritiva, utilizando como procedimentos a observação direta da festa de Costa Damião na Tenda espírita de Umbanda Estrela Dalva e a revisão bibliográfica.

CAPÍTULO 1: COSME E DAMIÃO E A TRADIÇÃO UMBANDISTA

O capítulo 1 deste trabalho dedica-se a explorar a presença significativa de Cosme e Damião na tradição umbandista, fundamentando-se em estudos de autores como Edson Diniz, Renato Ortiz, Giovani Martins, Lucas Bártolo, Bruno F. Rohde e Julio Dias. A discussão destaca a complexidade e diversidade cultural da Umbanda, evidenciando sua capacidade de acolher múltiplas influências e práticas religiosas. Além disso, aborda-se o simbolismo e a representação do sagrado em Cosme e Damião dentro da Umbanda, revelando as conexões sincréticas entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, e como essas relações contribuem para a construção da identidade e da religiosidade dos praticantes.

1.1 - A Umbanda: Fundamentos e a Diversidade Cultural

A umbanda é uma religião genuinamente brasileira que se consolidou formalmente no início do século XX, mas cujas raízes remontam a processos históricos e culturais mais antigos e complexos. Ela surge num contexto marcado pela pluralidade étnica e cultural do Brasil, fruto do encontro entre povos indígenas, africanos e europeus que trouxeram consigo suas próprias cosmovisões, práticas espirituais e formas de religiosidade. Essa diversidade é um dos elementos centrais para compreender a originalidade e riqueza da Umbanda.

Segundo (Rohde, 2010), a Umbanda é um fenômeno religioso que expressa a complexidade do Brasil, resultado da interação entre elementos africanos, indígenas, europeus e espirituais de seus praticantes. Essa definição destaca que a Umbanda não é um fenômeno isolado, mas um processo vivo e dinâmico que reflete as transformações e os desafios da sociedade brasileira.

A Umbanda é, antes de tudo, uma manifestação do encontro entre as culturas e religiões africanas, indígenas e europeias no solo brasileiro. Sua constituição é resultado de um processo histórico de sincretismos, reinvenções e resistências culturais que marcam profundamente a religiosidade popular do país. (Rohde, 2010, p. 37).

Segundo (Riet, 2025), a fundação do primeiro terreiro de Umbanda, por Zélio Fernandino de Moraes, em 1908, no Rio de Janeiro, é frequentemente apontada como o marco formal da religião. No entanto, essa institucionalização não significa que a Umbanda tenha surgido de forma abrupta ou isolada. Pelo contrário, ela representa a

organização e sistematização de práticas espirituais, mediúnicas e rituais que já circulavam há décadas em diferentes comunidades.

Jorge (2013, p. 154) ressalta que a Umbanda é uma religião em constante movimento, que articula práticas e saberes diversos, configurando uma cosmovisão plural e dinâmica. Essa pluralidade interna é fundamental para entender a Umbanda como uma religião que não se apresenta como homogênea, mas como um campo religioso segmentado e multifacetado, capaz de dialogar com diferentes públicos e contextos sociais.

Essa característica plural e dinâmica permite que a Umbanda responda às necessidades espirituais e sociais de seus adeptos, oferecendo um espaço de acolhimento, cura e transformação que se adapta às particularidades regionais e culturais do Brasil. A Umbanda, enquanto religião genuinamente brasileira, emerge em um contexto de profunda diversidade cultural e espiritual, consolidando-se como uma das expressões religiosas mais significativas do país.

Fundada no início do século XX, a Umbanda apresenta uma estrutura teológica própria, que valoriza o culto a entidades espirituais e a prática mediúnica, configurando-se como um sistema religioso plural e dinâmico. Segundo Pierre Verger, em *Os Orixás*, “a Umbanda expressa a busca do homem brasileiro por um contato direto com o mundo espiritual, por meio de rituais e práticas que combinam fé, magia e cura” (VERGER, 1995, p.115).

Essa concepção indica a importância do elemento experiencial e comunitário na religião, aspectos que atravessam toda a sua prática. Do ponto de vista teórico, (Ortiz, 1985) destaca que a Umbanda funciona como uma manifestação cultural que articula diferentes formas de religiosidade, incorporando valores éticos e sociais que dialogam com a realidade cotidiana dos seus praticantes.

Para Ortiz, “a religiosidade umbandista é uma forma de expressão cultural que se consolida na tensão entre tradição e inovação, entre o individual e o coletivo, promovendo a inclusão social e a construção de identidades” (ORTIZ, 1994, p. 92). Essa dinâmica contribui para a diversidade interna da Umbanda, onde diferentes terreiros podem apresentar práticas, doutrinas e símbolos próprios, refletindo as particularidades regionais e sociais.

A religiosidade umbandista é uma forma de expressão cultural que se consolida na tensão entre tradição e inovação, entre o individual e o coletivo, promovendo a inclusão social e a construção de identidades. Ela se estrutura como um espaço simbólico de resistência e reinvenção cultural. (Ortiz, 1994, p. 92).

A Umbanda se estrutura em torno de uma teologia monoteísta, que acredita em um Deus supremo, chamado Olorum, Zambi ou Oxalá, que é a fonte de toda a criação e energia vital. Esse Deus é transcendente e imanente, criador e sustentador do universo, mas não é objeto de culto direto na religião. Em vez disso, a Umbanda cultua os Orixás, que são manifestações dessa energia divina, representando forças da natureza, aspectos da vida humana e linhas espirituais que auxiliam na evolução do ser humano.

Vieira (2016, p. 22) explica que na Umbanda os Orixás não são deuses no sentido clássico, mas forças da natureza e arquétipos que auxiliam o ser humano em sua evolução espiritual. Essa concepção permite que a Umbanda integre uma multiplicidade de entidades espirituais, manifestadas em diferentes linhas e falanges, como Caboclos, Pretos Velhos, Boiadeiros e Erês, cada uma com suas características, histórias e funções específicas.

A comunicação com os espíritos desencarnados é uma prática central na Umbanda, realizada por meio da mediunidade dos seus adeptos. Durante as giras, os médiuns incorporam essas entidades para transmitir ensinamentos, realizar curas e orientar os fiéis. Negrão (1994, p. 115) afirma que a prática mediúnica na Umbanda é um instrumento de transformação social e espiritual, pois permite o diálogo entre os mundos material e espiritual, promovendo a caridade e a solidariedade. Essa prática é o que torna a Umbanda uma religião viva, dinâmica e profundamente conectada com as necessidades concretas das pessoas.

Os terreiros de Umbanda são espaços sagrados onde ocorrem as giras, rituais mediúnicos que envolvem cânticos, danças, oferendas, passes energéticos e incorporações espirituais. Cada terreiro pode apresentar variações em sua organização, hierarquia e liturgia, mas mantém os princípios básicos da religião. Durante as giras, que segundo (SILVA, 2015), são expressões usadas pelos praticantes de Umbanda para designar festa, os médiuns incorporam as entidades espirituais, que se manifestam para orientar, curar e aconselhar os fiéis. A música, os pontos cantados e os instrumentos (como atabaques e agogôs) são elementos essenciais para a criação do ambiente propício à comunicação espiritual.

Negrão (1994, p. 117) observa que os terreiros são espaços comunitários de acolhimento e transformação, onde a espiritualidade se manifesta de forma concreta e prática, promovendo o bem-estar físico, emocional e espiritual dos participantes. Além

das giras, os terreiros realizam festas e celebrações dedicadas aos Orixás e às entidades espirituais, como a festa de Cosme e Damião, que reforçam os laços comunitários e a vivência dos valores espirituais.

A prática mediúnica na Umbanda é um instrumento de transformação social e espiritual, pois permite o diálogo entre os mundos material e espiritual, promovendo a caridade e a solidariedade.” “(...) os terreiros são espaços comunitários de acolhimento e transformação, onde a espiritualidade se manifesta de forma concreta e prática, promovendo o bem-estar físico, emocional e espiritual dos participantes. (Negrão, 1994, p. 115–117).

As entidades espirituais ocupam lugar central na cosmologia umbandista. Elas são vistas como guias e protetores que atuam no plano espiritual para auxiliar os fiéis em suas demandas terrenas. Conforme (Rivas Neto, 2015), “as entidades são arquétipos que traduzem experiências humanas e históricas, funcionando como mediadores entre o mundo físico e o espiritual” (p.81).

Entre as principais categorias de entidades, destacam-se os pretos velhos, que simbolizam a sabedoria, a humildade e a paciência; os caboclos, representantes da força e da conexão com a natureza; e os erês, que trazem a pureza e a renovação espiritual. A prática mediúnica é um elemento constitutivo da Umbanda, por meio da qual os médiuns incorporam as entidades espirituais e possibilitam a comunicação entre os planos material e imaterial.

Scárabelo (2020) afirma que “as sessões mediúnicas são espaços de cura e transformação, onde se estabelecem vínculos de solidariedade e apoio entre os participantes, fortalecendo a comunidade” (p. 160). Os rituais envolvem cânticos, danças, defumações e oferendas, todos voltados para a harmonização dos ambientes e a promoção do equilíbrio espiritual dos presentes.

Rohde (2010, p. 45) destaca que a caridade é a lei maior da Umbanda, que se traduz em ações de auxílio material, emocional e espiritual, promovendo a cura e a transformação social. Essa dimensão ética é reforçada pela ausência de imposições dogmáticas ou obrigаторiedades formais, o que torna a Umbanda uma religião inclusiva e aberta. Os terreiros umbandistas funcionam como espaços comunitários de acolhimento, onde a diversidade é respeitada e a espiritualidade é vivenciada de forma prática e cotidiana.

A caridade, portanto, não é apenas uma virtude abstrata, mas uma prática cotidiana que envolve o cuidado com o próximo, a solidariedade e a promoção do bem-estar coletivo. Essa prática é o que dá sentido e vitalidade à Umbanda, conectando o

espiritual ao social. A diversidade religiosa na Umbanda também se manifesta em sua capacidade de acolher pessoas de diferentes origens sociais, raciais e culturais.

Essa inclusividade se reflete na composição dos terreiros, que se constituem como espaços democráticos e de resistência frente às discriminações e preconceitos que ainda permeiam a sociedade brasileira.

A Umbanda promove um ambiente de tolerância e respeito, onde a diferença é reconhecida como uma riqueza espiritual e cultural. Essa característica inclusiva é especialmente relevante em um país como o Brasil, marcado por desigualdades e exclusões históricas, onde a religião se torna também um espaço de acolhimento e resistência. (SCÁRABELO, 2020, P.165).

Além disso, a Umbanda exerce um papel social importante, atuando como agente de inclusão e transformação nas comunidades onde está presente. Os terreiros frequentemente desenvolvem ações sociais, promovendo apoio material, emocional e espiritual para pessoas em situação de vulnerabilidade. Essa dimensão social reforça o caráter comunitário da religião, que busca não apenas a elevação espiritual dos seus fiéis, mas também a melhoria das condições de vida.

A pluralidade interna da Umbanda, portanto, não se limita às suas práticas e rituais, mas também abarca as múltiplas formas de expressão religiosa que se manifestam em diferentes contextos regionais e sociais. Essa diversidade contribui para a vitalidade e a resiliência da religião, que permanece relevante para milhões de brasileiros.

Por fim, a Umbanda pode ser compreendida como uma religião em constante transformação, que dialoga com as mudanças sociais e culturais do Brasil contemporâneo, mantendo-se como um espaço de fé, identidade e resistência para seus praticantes. A história da Umbanda está intrinsecamente ligada às transformações sociais que marcaram o Brasil no início do século XX.

O contexto de urbanização acelerada, a migração interna e as tensões geradas pela abolição da escravidão criaram um ambiente propício para o surgimento de novas expressões religiosas que respondessem às demandas espirituais e sociais dos grupos marginalizados. Conforme destaca (Verger, 1995), “a Umbanda nasce da necessidade de um povo que busca no sagrado uma resposta para o sofrimento, a injustiça e a busca por equilíbrio em meio a mudanças rápidas e profundas” (p. 120).

Essa emergência é marcada por uma profunda ligação com as práticas populares e a cultura oral, que garantem a transmissão de saberes e rituais. A dimensão ética e moral da Umbanda é outro aspecto que merece destaque na análise de seus

fundamentos. Segundo Ortiz (1994), “a religião umbandista enfatiza valores como a caridade, a fraternidade e o respeito ao próximo, incorporando uma ética prática que se manifesta tanto nas relações sociais quanto nas práticas espirituais” (p. 96).

Essa ênfase na prática da caridade, material e espiritual, é visível nas ações comunitárias desenvolvidas pelos terreiros, que muitas vezes oferecem atendimento social, auxílio psicológico e apoio aos mais necessitados. A religião, assim, transcende a dimensão puramente ritualística, assumindo um papel ativo na transformação social. As sessões de culto umbandistas são marcadas por uma estrutura ritualística que visa estabelecer uma conexão harmoniosa entre os participantes e as entidades espirituais.

(RIVAS NETO, 2015, p.90) observa que “a liturgia umbandista combina música, dança, preces e oferendas, que funcionam como elementos simbólicos capazes de criar uma atmosfera propícia para a manifestação espiritual”. Os cânticos e toques de atabaques, por exemplo, são instrumentos rituais que possuem um papel fundamental na indução dos estados mediúnicos e na comunicação entre os mundos visível e invisível. Essa dimensão musical e corporal é essencial para a experiência religiosa e para a coesão da comunidade.

Além disso, a pluralidade das entidades espirituais permite à Umbanda atender a uma ampla gama de necessidades e demandas dos seus fiéis. A diversidade das entidades é uma expressão concreta da capacidade da religião de dialogar com diferentes aspectos da existência humana, desde questões emocionais e materiais até dilemas existenciais e espirituais. Scárabelo (2020) enfatiza que “a variedade de guias espirituais — entidades de elevada sabedoria e evolução espiritual que atuam como intermediários entre o plano espiritual e o mundo material — na Umbanda representa a complexidade da vida humana e a necessidade de múltiplas formas de apoio e orientação” (p. 172).

Outro ponto importante é a construção identitária que a Umbanda possibilita aos seus praticantes, especialmente para grupos que historicamente sofreram marginalização. A religião oferece um espaço onde a identidade afro-brasileira pode ser afirmada e valorizada, em um contexto de resistência cultural e social. Como observa Ortiz (1994), “a Umbanda é um espaço simbólico de reconhecimento e valorização da herança africana, que contribui para a reconstrução das narrativas identitárias no Brasil” (p. 99).

Essa dimensão simbólica é fundamental para compreender a importância da religião para a autoestima e o empoderamento de seus seguidores. Ainda que a

Umbanda apresente uma diversidade interna considerável, existe uma unidade em seus princípios e valores centrais que garante a coesão da religião enquanto sistema. Essa unidade é construída a partir do respeito às entidades, da prática da caridade, do cultivo da fé e do compromisso com a transformação pessoal e social.

(RIVAS NETO, 2015) sintetiza essa ideia ao afirmar que “a coesão da Umbanda reside na articulação de seus elementos simbólicos e rituais em torno de uma ética de cuidado e solidariedade” (p. 95).

A Umbanda propõe uma visão integrada do ser humano, considerando as dimensões material, espiritual e social na busca pelo equilíbrio. Trata-se de uma proposta religiosa que não se limita à salvação individual, mas que compreende a cura e a transformação como processos coletivos e interdependentes. (Neto, 2015, p.108).

Em síntese, os fundamentos da Umbanda são multifacetados, envolvendo uma combinação complexa de elementos espirituais, sociais e culturais que refletem a diversidade de cada terreiro. A religião se apresenta como um espaço dinâmico, aberto à transformação e à inclusão, capaz de dialogar com as necessidades espirituais e sociais de seus fiéis.

A pluralidade interna da Umbanda revela-se em seus múltiplos ritos, entidades e práticas que, embora variem regionalmente, compartilham um núcleo comum de valores e símbolos. Essa diversidade configura-se não como um fator de fragmentação, mas sim como um elemento de riqueza e vitalidade para a religião. Segundo (RIVAS NETO, 2015, p.102), “a variação dos rituais e cultos dentro da Umbanda reflete a adaptabilidade da religião aos contextos locais, possibilitando a permanência e o fortalecimento de seus princípios em diferentes realidades sociais”.

Essa flexibilidade ritual e doutrinária permite que terreiros em diferentes estados brasileiros desenvolvam expressões próprias, respeitando as tradições locais e as necessidades da comunidade. Além disso, a Umbanda exerce uma função importante na construção da identidade afro-brasileira. Em um cenário social marcado por preconceitos e exclusão, a religião oferece um espaço simbólico e social de afirmação étnica e cultural.

Para Ortiz (1994), “a prática religiosa umbandista constitui um instrumento de ressignificação identitária, no qual os praticantes encontram reconhecimento e valorização de suas raízes africanas e brasileiras” (p.110). Essa dimensão identitária é especialmente relevante para a população negra, que encontra na Umbanda um meio de preservar tradições ancestrais e combater o racismo estrutural.

O papel social da Umbanda transcende o âmbito religioso, inserindo-se como uma força ativa na promoção da inclusão e da justiça social. Terreiros frequentemente desempenham atividades de assistência social, como a oferta de alimentos, atendimento psicológico e ações educativas

Os terreiros de umbanda foram, e muitos ainda são, mais do que um lugar para se cultuar orixás. Apesar de toda a dinâmica e alterações que os cultos sofreram nos últimos anos, não é possível negar que os terreiros ainda sejam espaços em que trabalhadores, além de praticar alguma religiosidade, buscam tratamento para o corpo, alma e mente, recorrem a assistência financeira, material. É ali que muitos consultam preto-velhos e caboclos, querendo respostas para tratamento da saúde do filho, com a benção, água fluidificada, ervas e a prece. Mães lotam os terreiros, com filhos doentes no colo, buscando entre as entidades alguma resposta para os problemas do lar, da vida, dos filhos.

Respostas que não encontraram em outros lugares. (LOPES 2011, p. 1)

Esses serviços fortalecem a coesão comunitária e refletem a prática da caridade, valor central na doutrina umbandista. (Verger, 1995, p.135) ressalta que “a caridade é a essência da Umbanda, traduzida em gestos concretos de auxílio ao próximo, independentemente de sua origem ou condição social”.

A relação entre espiritualidade e cura também ocupa lugar de destaque na Umbanda. As sessões mediúnicas, por meio da incorporação das entidades, são espaços nos quais os participantes buscam não apenas o conforto espiritual, mas também a cura física e emocional. Conforme Rivas Neto (2015), “a Umbanda propõe uma visão integrada do ser humano, considerando as dimensões material, espiritual e social na busca pelo equilíbrio” (p. 108). Essa concepção holística fundamenta muitos dos rituais e práticas, que incluem a utilização de ervas, defumações e oferendas, além da transmissão de mensagens e orientações espirituais.

Outro aspecto que merece atenção é o papel das mulheres na Umbanda, que tradicionalmente ocupam posições de liderança e mediação espiritual. A participação feminina na religião representa uma importante dimensão de empoderamento, contrastando com outras religiões onde as mulheres têm papéis mais restritos. (Scárabelo, 2020, p.178) observa que “a presença e protagonismo das mulheres nos terreiros reforçam a natureza inclusiva e democrática da Umbanda, ampliando as possibilidades de representação e liderança”.

Em suma, a Umbanda se configura como um fenômeno religioso multifacetado, que articula elementos culturais, sociais e espirituais em uma proposta religiosa profundamente enraizada no contexto brasileiro. Sua diversidade e capacidade de adaptação e compromisso social fazem dela uma religião vital para a compreensão da religiosidade contemporânea e dos processos identitários no Brasil.

1.2 – Cosme e Damião: Simbolismo e a representação do Sagrado na Umbanda

(DIAS, 2014), o culto aos santos gêmeos Cosme e Damião tem suas raízes na tradição cristã, oriunda do contexto do Império Romano, onde eram venerados como mártires e médicos que dedicavam sua vida ao cuidado dos doentes. Esse culto ganhou expressividade no Brasil a partir da sincretização com elementos das culturas africanas e indígenas, tornando-se particularmente forte nas religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé.

No ambiente popular, os santos são celebrados como protetores das crianças e dos pobres, refletindo uma religiosidade que mistura fé cristã, práticas medicinais tradicionais e rituais festivos que reforçam laços comunitários e identitários em contextos de resistência cultural. Essa abordagem demonstra a complexidade da formação religiosa brasileira, que se consolidou a partir da combinação de múltiplas heranças culturais com a religiosidade local, tornando o culto a Cosme e Damião um símbolo de fé, proteção e solidariedade social.

Cosme e Damião são figuras centrais dentro da Umbanda, representando mais do que simples santos ou entidades espirituais: eles simbolizam uma dimensão profunda do sagrado que articula a religiosidade popular, a ancestralidade e os valores comunitários.

Tradicionalmente conhecidos como gêmeos, esses santos têm sua história ligada a uma narrativa de cura, caridade e proteção, o que confere a eles um papel fundamental dentro dos terreiros e das celebrações religiosas. Pierre Verger, em sua obra clássica *Os Orixás* (1995), destaca que Cosme e Damião representam a dualidade e a harmonia, simbolizando a complementaridade entre o corpo e o espírito, entre o visível e o invisível.

“Eles são mediadores entre o mundo terreno e o espiritual, e sua devoção manifesta a busca humana pela saúde, proteção e equilíbrio” (VERGER, 1995, p. 210). Essa mediação é fundamental para entender como a Umbanda constrói seus vínculos simbólicos com o sagrado.

A Umbanda expressa a busca do homem brasileiro por um contato direto com o mundo espiritual, por meio de rituais e práticas que combinam fé, magia e cura. Sua prática evidencia o valor da experiência pessoal na comunicação

com o sagrado, reforçando os laços comunitários e espirituais (VERGER, 1995, p. 115).

No universo umbandista, as entidades espirituais conhecidas como Erês representam a energia da infância, da inocência e da pureza espiritual. Cosme e Damião são os Erês mais cultuados, simbolizando a alegria, a leveza e a proteção. Vieira (2016, p. 35) explica que os Erês são espíritos infantis que se manifestam com uma energia vibrante e brincalhona, trazendo conforto, cura e esperança aos fiéis.

Eles representam a dimensão afetiva do sagrado, aproximando o espiritual do cotidiano das pessoas por meio da figura da criança. Essas entidades simbolizam valores fundamentais como o amor incondicional, a caridade e a proteção, especialmente das crianças e das famílias. A presença dos Erês reforça a ideia de que o sagrado pode ser acessado de forma simples, alegre e próxima.

No âmbito da Umbanda, Cosme e Damião são geralmente associados aos Ibejis, entidades gêmeas da tradição iorubá que representam a inocência, a alegria e a proteção infantil. Essa conexão traz um significado específico: a proteção das crianças, a pureza e a renovação constante da vida espiritual. Renato Ortiz, em *Cultura Brasileira*, observa que “a figura dos santos gêmeos articula aspectos da cultura popular e da ancestralidade africana, sendo um símbolo da continuidade e da renovação da vida dentro das comunidades religiosas” (Ortiz, 1994, p. 154).

Cosme e Damião, santos gêmeos venerados na Umbanda, representam uma convergência simbólica entre a inocência, a proteção e a energia vital que sustenta a comunidade religiosa. Essa convergência pode ser vista tanto nas narrativas orais quanto nas práticas rituais que envolvem essas entidades, que são reconhecidas como guardiões da infância e portadores de bênçãos. A centralidade da infância na simbologia desses santos remete a um ideal de pureza espiritual e de renovação constante, que fortalece o sentido coletivo e a esperança nas comunidades umbandistas.

A celebração dedicada a Cosme e Damião, que ocorre anualmente em 27 de setembro, transcende o simples ato de festejar santos e se configura como um ritual coletivo que reafirma a identidade e os valores comunitários presentes na Umbanda. Como destaca Scárabelo (2020), “a festa é uma manifestação concreta da espiritualidade que integra fé, cultura e ação social, sendo um momento privilegiado para a reafirmação dos laços comunitários e da solidariedade” (p. 230).

Essa festa, marcada pela entrega de doces e brinquedos às crianças, representa

uma simbologia que valoriza o cuidado com os mais vulneráveis e a esperança na continuidade da vida. O ato de distribuir doces e brinquedos, aparentemente simples, carrega uma complexidade simbólica profunda. Os doces simbolizam a doçura da vida e a necessidade de adoçar as experiências humanas, muitas vezes marcadas por dificuldades e sofrimento.

Já os brinquedos são representações da inocência, da brincadeira e da renovação, reafirmando a importância da infância como um período sagrado e essencial para o desenvolvimento espiritual. Segundo Rivas Neto (2015), “essa prática ritual promove a vivência concreta dos valores de caridade e proteção, convertendo o sagrado em um gesto tangível e acessível” (p. 190). Além disso, a participação das crianças nas celebrações de Cosme e Damião é fundamental para a perpetuação dos valores e culturais da Umbanda.

O envolvimento infantil representa a religiosa continuidade da fé e a transmissão intergeracional de saberes e práticas, garantindo que a religião permaneça viva e conectada com as novas gerações. Essa transmissão é um aspecto essencial para a resiliência da Umbanda, especialmente em um contexto de transformações sociais e culturais rápidas. O papel das crianças na Umbanda, simbolizado por Cosme e Damião, também está ligado à ideia de pureza espiritual e à capacidade de renovação constante.

Segundo Cancellato, Alves e Souza (2021), as culturas infantis no Brasil revelam uma diversidade de expressões lúdicas, rituais e tradições que contribuem significativamente para a formação das identidades das crianças e a preservação de saberes ancestrais. Isso evidencia que as práticas culturais infantis não são apenas manifestações de entretenimento, mas elementos fundamentais para a construção social e cultural, proporcionando um espaço de resistência e valorização histórica. Portanto, compreender essas manifestações é essencial para reconhecer a importância das experiências infantis na reprodução e transformação das relações sociais brasileiras.

A infância é vista como um estado privilegiado de ligação com o divino, uma fase em que o sagrado se manifesta de maneira mais pura e direta. Conforme Ortiz (1994), “a criança, enquanto símbolo religioso, representa a esperança e a continuidade da vida, sendo um elemento central para a construção das identidades coletivas nas religiões afro-brasileiras” (p. 158). Essa concepção fortalece a importância do cuidado e da proteção espiritual no cotidiano das comunidades umbandistas.

Outro ponto a ser destacado é a relação entre Cosme e Damião é a questão da saúde, sobretudo da saúde infantil. Os santos gêmeos são frequentemente invocados para proteção contra doenças e para a recuperação da saúde, refletindo a forte dimensão curativa presente na Umbanda. A crença na intervenção dos santos no mundo material reforça a ideia de que o sagrado está presente no dia a dia e atua diretamente na vida das pessoas, oferecendo conforto e esperança.

Conforme o estudo de Nascimento (2016), as oferendas no culto a Cosme e Damião são elaboradas com grande cuidado coletivo, sendo a comida um elemento central que simboliza a comunhão e a continuidade da fé entre os devotos. A preparação inclui a confecção do caruru, prato composto por quiabos inteiros, feijão fradinho, arroz, ovos, banana da terra frita, rapadura, farofa, entre outras iguarias, que são cuidadosamente preparadas por familiares e vizinhos numa atividade conjunta. Essa comida é colocada no altar aos pés dos santos e consumida simbolicamente por sete crianças que representam os santos e sua família, inaugurando o momento festivo e de união comunitária. A realização do ritual em torno da oferta e partilha da comida evidencia não só a preservação da tradição, mas também o reforço dos laços sociais e espirituais entre os participantes, traduzindo-se em uma celebração viva da fé popular.

Assim, no âmbito ritualístico, a presença de Cosme e Damião se manifesta não apenas nas festividades, mas também em oferendas e rituais cotidianos. Os fiéis realizam oferendas que podem incluir doces, brinquedos, velas e flores, atos que simbolizam gratidão, pedido de proteção e reafirmação do vínculo com os santos. Essas práticas ritualísticas são formas de comunicação simbólica que fortalecem a relação entre os mundos espiritual e material, criando um espaço onde o sagrado se faz presente e atuante.

Segundo (MENEZES; FREITAS; BÁRTOLO, 2020, p. 13-19).. “A infantilização dos santos não ocorre somente na iconografia e é em sua festa que podemos ver que a relação de Cosme, Damião e Doum com as crianças sai dos altares e chega às ruas, onde os santos são festejados com doces, brinquedos e caruru”. Ademais, a iconografia dos santos Cosme e Damião nos terreiros e nas casas de culto é carregada de significados que reforçam sua importância simbólica. Imagens dos santos frequentemente os retratam como crianças vestidas com roupas coloridas, segurando doces e brinquedos, representando visualmente os conceitos de inocência, alegria e cuidado. Essas representações visuais contribuem para a construção do imaginário religioso, sendo elementos centrais na experiência sensorial e afetiva dos

praticantes.

No contexto umbandista, os Erês encarnam uma epistemologia sensível, forma de conhecimento não racional que valoriza experiência, ludicidade e afeto. Silva (2023) aponta que a Umbanda é espaço de formação de conhecimento que desafia epistemologias dominantes, promovendo uma construção humanizada do saber através da dimensão sensível. Isso se manifesta nos rituais para Cosme e Damião, onde brincadeiras e distribuição de doces são atos pedagógicos que transmitem valores como generosidade e comunhão. A evolução iconográfica de Cosme e Damião revela tensões entre memória colonial e ressignificação afro-brasileira.

Conforme sugerem (MENEZES; FREITAS; BÁRTOLO, 2020), A transformação iconográfica dos santos Cosme e Damião após sua chegada ao Brasil reflete um profundo processo de hibridização cultural e religiosa, no qual os santos originalmente representados como médicos adultos e mártires cristãos se tornam figuras infantis, aproximando-se das entidades africanas Ibejis, protetoras das crianças gêmeas. Essa mudança não é apenas estética, mas simbólica, pois reforça o vínculo dos santos com a infância e a proteção, o que é fundamental para as práticas devocionais afro-brasileiras. Muitas vezes as imagens chegam a incorporar um terceiro personagem infantil, chamado Doum, que, segundo a tradição iorubá, é o irmão mais novo que deve nascer após os gêmeos, consolidando uma iconografia única que sintetiza elementos católicos e africanos e revela uma identidade religiosa plural e dinâmica no Brasil

Zaccaria (2018) explica que a representação infantilizada dos santos suplantou gradativamente a figura adulta, num processo de ressemantização que articulou devoção popular e identidade religiosa. Essa transformação reflete a teoria de Sahlins, onde, segundo (VELHO, 1997), a globalização configura um processo em que as religiões se transformam por meio do hibridismo e do sincretismo, fenômenos que indicam a constante adaptação e mistura de práticas e crenças religiosas diante das mudanças culturais globais. Essa dinâmica desafia a ideia de culturas religiosas puras ou estanques, revelando consigo a criatividade e resiliência das religiões em contextos marcados pela diversidade e pela interação constante entre diferentes tradições. segundo a qual a apropriação de ícones católicos transformou-os em suportes para expressar cosmovisões africanas, onde Ibejis (divindades gêmeas iorubás) e Doum (entidade infantil) fundiram-se às figuras dos santos.

A festa de 27 de setembro opera como dispositivo de coesão comunitária,

conforme a teoria do ritual de Victor Turner. A distribuição de doces e brinquedos materializa a comensalidade sagrada e a performance da caridade, reforçando laços comunitários e a responsabilidade coletiva (Rohde, 2010). Por fim, a cosmovisão umbandista desafia hierarquias de saber através de uma epistemologia encarnada, onde o corpo é médium e a incorporação dos Erês é instrumento de transformação social (Negrão, 1994).

A mediunidade de incorporação é o resultado de uma construção social e individual em que estão em jogo os conceitos ou crenças grupais relacionadas à mediunidade e à doutrina da Umbanda de uma forma geral, e a aspectos individuais das médiuns, tanto cognitivos quanto afetivos. A mediunidade de incorporação é construída por meio de um processo constituído de seis elementos, a saber, assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação. (BAPTISTA; ALEXANDRE, 2019, p. 13).

Esses atos ritualísticos são carregados de significados que vão além do visível, simbolizando a doçura da vida e o cuidado com os mais vulneráveis. Conforme enfatiza Rivas Neto (2015), tais práticas constituem “expressões concretas de valores éticos e espirituais, que se manifestam no cotidiano e reforçam a coesão social” (p. 192). A concretude desses gestos torna o sagrado acessível e vivido diretamente pelos participantes, criando um vínculo emocional e espiritual duradouro.

Esses gestos não se restringem a um ato individual; são práticas que convocam a comunhão. Quando o terreiro reúne fiéis para oferecer doces, brinquedos e carinhos às crianças, está sendo recriada uma cena ancestral: a do acolhimento. Mais do que um ritual, trata-se da reafirmação de que a comunidade cuida de todos, especialmente das crianças — ícones da pureza espiritual, mas também da vulnerabilidade.

A entrega desses objetos também pode ser vista como linguagem encarnada. O corpo se move, abraça, oferta. O simples ato de passar um doce às mãos de uma criança já carrega densidade simbólica — é como transferir, sigilosamente, uma porção de doçura de vida. O ritual codifica a entrega como algo físico e espiritual: o menino aceita o doce, sorri e, por um instante, representa o divino no plano material.

Este momento une corporalidade, emoção e rito, inscrito em uma escuta comunitária que entende o gesto como sagrado. O invisível — a energia, o axé a bênção — se torna palpável graças ao toque e ao olhar partilhado. Outro aspecto relevante é a articulação entre a iconografia e o imaginário coletivo. As imagens de Cosme e Damião presentes nos terreiros e nas casas de culto possuem uma forte carga afetiva e simbólica.

Representações que os mostram como crianças vestidas com roupas coloridas e portando doces e brinquedos funcionam como símbolos visuais que reforçam a ideia da proteção infantil e da alegria espiritual. Essas figuras visuais funcionam como âncoras de memória e narrativas dentro da comunidade. Cada imagem é uma porta para histórias: dos santos gêmeos que cuidam dos enfermos, que distribuem presentes, que oferecem proteção em tempos difíceis.

Ao enxergar a figura de Cosme brincando com uma boneca, ou Damião segurando um balão, o fiel recorda as tradições contadas pelos filhos ou pelos pais — uma história que sempre começa com “quando eu era criança...” ou “minha avó me ensinou que...”. Assim, a imagem se torna meio de transmissão oral e afetiva.

A repetição dessas imagens em diversos terreiros cria um código visual comum. A cor dos trajes, as expressões infantis, os brinquedos e doces são constantes que conversam entre si, mesmo morando em lugares geograficamente distantes.

No Brasil, as esculturas contemporâneas mais conhecidas de Cosme e Damião figuram-nos como meninos rechonchudos, vesti dos de forma idêntica. Ambos seguram um báculo, uma caixa e/ou a palma dos mártires. Geralmente, portam uma espécie de gorro, capa e calças à moda do século XVIII, elementos que, em conjunto, remetem ao principal atributo cosmológico dos santos: a infância. (MENEZES; FREITAS; BÁRTOLO, 2020, p. 330).

Além disso, a iconografia se desenvolve em formatos diversos: pinturas, esculturas, velas, adesivos, fitas, brinquedos customizados... muitos desses artefatos são produtos da arte popular, feitos por terreiros ou feiras religiosas. A reinvenção das imagens revela uma via dupla: o imaginário alimenta a arte, que por sua vez reforça e transmite os símbolos para novas orelhas e olhares. O sagrado se manifesta através de cores, formas e objetos que, mesmo seculares, tocam o tocante — lembrando que na Umbanda o sagrado pode emergir de coisas simples, se interpretadas como gesto de afeto e cuidado divino.

Figura 1 – Cosme e Damião



Fonte: Autoria própria, 2025

A relação entre Cosme e Damião e a cura merece especial atenção. Na Umbanda, esses santos são vistos como intermediários poderosos para pedidos de saúde, sobretudo para crianças e para a harmonia espiritual familiar. A crença na eficácia da intercessão destes santos reflete uma visão integrada da existência humana, onde as saúdes físicas, emocionais e espirituais estão interligadas. Rivas Neto (2015) reforça que “a invocação dos santos gêmeos na busca por cura simboliza a confiança na intervenção divina e na possibilidade de transformação pessoal e coletiva” (p. 198).

A força simbólica, ritual e relacional que Cosme e Damião têm dentro da Umbanda não se limita à crença: eles atuam como vetores de cura, afetividade e identidade coletiva. A partir de gestos concretos — como distribuir doces e brinquedos —, o sagrado deixa de ser abstrato e passa a existir em cada olhar, em cada criança que sorri, em cada lembrança que se constrói por meio desses atos. É a ética da doçura manifestada em atos simples, que se multiplicam e sustentam a fé de milhões.

CAPÍTULO 2: A FESTA DE COSME E DAMIÃO NA TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA ESTRELA DALVA

O segundo capítulo deste trabalho abordará a festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva, explorando sua história, práticas e organização religiosa, bem como o simbolismo dos doces e oferendas na linha dos Erês. Na primeira parte, será traçado o percurso histórico da Tenda Espírita Estrela Dalva, destacando seus fundamentos doutrinários, a dinâmica de suas práticas rituais e a estrutura organizacional que articula as relações entre os médiuns e as entidades espirituais.

Na sequência, a análise focará no significado simbólico das oferendas, em especial dos doces distribuídos durante a festa, ressaltando como esses elementos materializam a presença dos Erês, entidades infantis de grande importância na Umbanda, e como funcionam como mediadores das relações entre o mundo espiritual e os fiéis. Esta fundamentação estará apoiada em autores como Edson Diniz, Giovani Martins, Lucas Bártolo, Alex Alencar, Luisa Nascimento e Morena Freitas, cujos trabalhos contribuem para a compreensão da ritualística, simbolismo e sociabilidade presentes na devoção umbandista a Cosme e Damião.

2.1 A Tenda Espírita Estrela Dalva: História, práticas e organização religiosa

A Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva se apresenta como um espaço de expressão da religiosidade afro-brasileira, onde fé, ancestralidade e comunidade se entrelaçam em uma vivência espiritual marcada pela diversidade de linhas e entidades.

Sua fundação remonta ao início da década de 1990, quando seu dirigente espiritual,

Pai João das Matas, iniciou os primeiros trabalhos de caridade, curas e orientações espirituais no bairro Bom Jesus, na zona norte de Teresina, onde o terreiro se localiza.

Atualmente, a casa está em sua segunda geração, sendo sua dirigente, a dona Maria Dalva, ou mãe Dalva como seus filhos lhe chamam, a estrutura da casa reflete uma organização comunitária em que todos os médiuns e colaboradores atuam de forma voluntária, sustentando o espaço por meio de doações e do trabalho coletivo.

De acordo com Martins (2011), as linhas de trabalho na Umbanda não são apenas divisões espirituais, mas representam modos de atuação das forças da natureza e arquétipos humanos. Na Tenda Estrela Dalva, as giras de Erês são marcadas por cores vibrantes, músicas alegres e oferendas de doces, reforçando o vínculo afetivo entre entidade e consulente.

Figura 2- oferenda à Cosme e Damião



Fonte- Autoria própria, 2025

Farias e Weber (2021) observam que os terreiros de Umbanda em Teresina — e, de modo semelhante, em outras regiões do país — têm se estruturado como espaços de resistência cultural e de afirmação identitária. A Tenda Estrela Dalva se insere nesse movimento, ao manter viva uma religiosidade que valoriza o sincretismo e a inclusão. A presença feminina na liderança e na condução dos rituais é outro aspecto relevante, demonstrando a importância das mães e filhas de santo na preservação dos fundamentos espirituais e na condução das atividades sociais do terreiro.

Conforme Alencar (2023), as religiões afro-brasileiras, como a Umbanda, manifesta-se por meio de uma “trama de remendos”, em que os elementos indígenas, africanos e europeus se combinam em um tecido simbólico plural. Essa pluralidade também se manifesta na Estrela Dalva, onde a devoção aos santos católicos, como São Cosme e Damião, convive harmonicamente com o culto aos Orixás e aos guias espirituais. A casa adota um modelo de espiritualidade comunitária, onde o ritual é entendido como uma pedagogia da convivência, fortalecendo os laços entre os

praticantes e a própria comunidade em torno.

A Tenda Espírita Estrela Dalva se constitui como um espaço de fé e acolhimento, onde a espiritualidade é vivida de forma sensorial, participativa e coletiva. Suas práticas ritualísticas, sobretudo na linha dos Erês, como por exemplo as giras, as oferendas, o doce distribuído, as consultas em busca de conselho e orientação, são práticas que refletem a alegria, a pureza e a proteção espiritual, atributos que se expressam de maneira singular nas festas dedicadas a São Cosme e São Damião, que serão abordadas a seguir.

2.2 A celebração de Cosme e Damião: Rituais, simbolismos e comunidade

A festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita Estrela Dalva é um dos momentos mais aguardados do calendário religioso da casa. Celebrada anualmente no final de setembro, a festividade reúne médiuns, filhos de santo, vizinhos e devotos em um ambiente repleto de cores, cânticos e doces. Trata-se de um ritual que transcende o aspecto meramente devocional, constituindo-se em um verdadeiro acontecimento comunitário, de partilha e solidariedade.

Conforme Travassos et al. (2008), as festas dedicadas a Cosme e Damião em espaços umbandistas se caracterizam pela fusão entre o sagrado e o popular, mesclando devoção católica, louvação aos Erês e práticas afro-brasileiras. Essa mesma dinâmica é observada na Tenda Estrela Dalva, onde a celebração inicia com a defumação do espaço e segue com cânticos alegres, danças e distribuição de doces para as crianças. Os rituais são conduzidos pela mãe de santo, Maria Dalva, ou mãe Dalva, com o auxílio dos filhos de santo, onde, inicialmente todos aguardam a chegada das crianças, da comunidade — a festa é aberta ao público —, a casa realiza brincadeiras com essas crianças, distribui lanches, doces, refrigerantes e posteriormente brinquedos.

Freitas (2022) analisa a comida de criança, os doces e as “ibejadas” como expressões simbólicas de um ethos umbandista que valoriza a doçura como energia de equilíbrio e cura espiritual. Na festa da Estrela Dalva, o ato de distribuir balas e guloseimas ultrapassa o gesto material: representa o compartilhamento das bênçãos dos Erês, como uma pedagogia da bondade. Castanha (2025) reforça essa dimensão ao destacar que a prática alimentar na Umbanda possui um papel ritual central, sendo a comida o veículo da ligação entre o mundo espiritual e o terreno.

Nos doces, funde-se o sabor à qualidade, o substantivo e o adjetivo; as Crianças são doces, assim como suas comidas. Nas giras, a doçura não é apenas uma qualidade dessas entidades, mas também um gosto que sensibiliza a língua e suas papilas gustativas; um grude das mãos meladas, uma bandeja de guloseimas que nos é ofertada, um aroma, que também tem formas e cores. A doçura das ibejadas tem cheiro, gosto, sons, cores, melam nossas mãos, invadem nossas narinas e boca; e sentir toda essa doçura é sentir as Crianças. (Freitas, 2022, p.23)

Nascimento (2017) acrescenta que, nas festas domésticas dedicadas a Cosme e Damião, o preparo das oferendas é também um ato de devoção familiar e comunitária, um “ritual de afeto” que reafirma pertencimento e fé. Na Tenda Estrela Dalva, a comunidade participa ativamente do preparo das comidas e da ornamentação do espaço, transformando o terreiro em um cenário de partilha e celebração. A música, com pontos cantados que exaltam as crianças espirituais, reforça o caráter alegre e contagiante da celebração.

Por fim, Pimentel, Brito e Santana (2020) ressaltam que o estudo das manifestações afro-diaspóricas permite compreender como esses rituais reconfiguram o sentido de identidade coletiva no Brasil. Assim, a festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita Estrela Dalva não se limita a um evento religioso: é uma celebração da memória, da resistência e da espiritualidade que atravessa gerações. Ao unir fé, comunidade e cultura, a casa reafirma a força da Umbanda como religião de amor, solidariedade e inclusão.

2.3 O simbolismo dos doces e das oferendas na linha dos Erês

Os doces e as oferendas ocupam um lugar central na festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita Estrela Dalva, não apenas como elementos materiais de celebração, mas como portadores de sentidos simbólicos e espirituais profundos. Na tradição umbandista, o ato de oferecer alimentos às entidades está ligado à reciprocidade e ao equilíbrio entre o plano espiritual e o material.

De acordo com Freitas (2022), as comidas de criança, os doces e as ibejadas são expressões do carinho e da leveza que caracterizam o universo dos Erês, revelando a importância da doçura como princípio mediador entre os mundos. Essa relação entre alimento e espiritualidade se estende ao modo como a comunidade compreende o ato de ofertar.

Segundo Freitas (2022), a comida de criança na Umbanda é dotada de sentidos múltiplos, funcionando como ponte entre o humano e o divino, e também como

expressão concreta de afeto. Durante a celebração na Tenda Estrela Dalva, as mãos que preparam e distribuem os doces não apenas realizam um gesto material, mas atualizam uma tradição ancestral de cuidado coletivo e devoção sincera, em que cada doce se torna um veículo de bênção e equilíbrio energético.

Nascimento (2017) observa que, nos cultos a Cosme e Damião, há uma pedagogia implícita de partilha e solidariedade, na qual o ato de oferecer doces às crianças reproduz o gesto simbólico dos santos gêmeos. Essa prática reforça laços sociais e espirituais entre os participantes, transformando o terreiro em um espaço educativo e espiritual. Na Estrela Dalva, o sorriso das crianças ao receber os doces e a alegria dos adultos em ofertá-los revelam uma reciprocidade que sustenta a continuidade da fé e da tradição umbandista.

A observação do ritual mostrou que a preparação dos alimentos é acompanhada de cânticos, rezas e intenções positivas. Castanha (2025, p. 11) descreve esse processo como um passe espiritual, onde o preparo da comida se torna sagrado, em que o aroma, as cores e os sabores atuam como elementos de conexão com o plano espiritual. A mãe de santo e médiuns da Estrela Dalva compreendem que o axé se manifesta também através do toque e da energia empregada no preparo das oferendas.

O alimento, portanto, é visto como corpo do axé e, ao ser partilhado, torna-se canal de transformação espiritual. Dias (2024) acrescenta que o doce é também símbolo de resistência, especialmente diante de um contexto histórico em que as práticas afro-brasileiras foram marginalizadas, distribuir doces em nome de Cosme e Damião significa afirmar a legitimidade de uma tradição e a doçura como linguagem do sagrado.

Na Estrela Dalva, essa resistência se traduz em alegria: os cânticos exaltam a inocência dos Erês e convidam todos à fraternidade, rompendo as fronteiras entre o sagrado e o popular, o ritual e o cotidiano. Essa celebração revela, portanto, o caráter profundamente comunitário da Umbanda. A Tenda Estrela Dalva reafirma essa função ao abrir suas portas à comunidade, acolhendo fiéis, vizinhos e curiosos em uma atmosfera de respeito e partilha. A festa de Cosme e Damião torna-se um momento de reencontro, em que todos, independentemente de credo, compartilham o mesmo espaço sagrado.

Além de seu valor religioso, a celebração possui uma dimensão estética que reforça sua força simbólica. Alencar (2023) descreve os rituais afro-brasileiros como “tramas de remendos”, nas quais o canto, a dança e as oferendas compõem um tecido

simbólico de memórias e afetos. Na Estrela Dalva, a ornamentação colorida, as guias, os atabaques e os cânticos criam uma atmosfera encantadora. Cada detalhe visual e sonoro contribui para evocar o universo dos Erês, simbolizando a presença viva do sagrado na vida cotidiana dos fiéis.

Martins (2011) lembra que, na Umbanda, o corpo é instrumento de comunicação com o espiritual. Durante a festa, o corpo dos médiuns torna-se o canal pelo qual as entidades se manifestam, dançam, brincam e distribuem doces. Esse contato direto com o divino faz da celebração um espaço de reconciliação com a infância e de renovação da energia vital. A pureza dos Erês reflete-se no comportamento dos participantes, que sorriem, cantam e se permitem viver a leveza e a doçura do momento.

O médium é qualquer pessoa, para os umbandistas todos são médiuns, cada um possui algum tipo de mediunidade: alguns são de incorporar, outros tem sensibilidade para pequenas previsões etc. Na umbanda nem todos incorporam. Os ogãs, por exemplo, não incorporam espíritos, mas nem por isso deixam de ser médiuns. No entanto, comumente as pessoas que incorporam são chamadas de médiuns, por isso, quando aparecer “médium” neste trabalho, não estou me referindo a qualquer tipo de mediunidade, apenas àquela que permite a pessoa incorporar espíritos. (BRITTO; SOUZA, 2018, p. 14).

Carvalho e Bairrão (2017) argumentam que a pluralidade ritualística da Umbanda reflete uma racionalidade simbólica que integra emoção, corpo e fé. Na Estrela Dalva, essa integração é evidente: o preparo das comidas, a organização da festa e a condução dos cânticos seguem uma lógica espiritual precisa, mas permeada por afetividade. Assim, o evento não apenas reforça a tradição religiosa, mas também reafirma os laços emocionais e identitários da comunidade, tornando o sagrado acessível e sensorial.

Bártolo (2018) interpreta a devoção a Cosme e Damião como parte de um “enredo urbano” no qual o sagrado se mistura às experiências cotidianas. Essa perspectiva se aplica à Estrela Dalva, onde o terreiro se torna parte viva do bairro, integrando-se ao entorno como espaço de solidariedade e fé. A festa, visível nas ruas, transforma o espaço público em território de celebração e resistência cultural. O sagrado, assim, sai do terreiro e se espalha pela vizinhança, renovando os vínculos entre fé e comunidade.

Por fim, Pimentel, Brito e Santana (2020) destacam que as manifestações afro-diaspóricas, como a festa de Cosme e Damião, são expressões de memória e identidade coletiva. A celebração na Tenda Estrela Dalva materializa essa herança, reafirmando

a continuidade dos saberes ancestrais. Cada doce distribuído, cada cântico entoado e cada sorriso compartilhado reafirmam a força da Umbanda enquanto religião de amor, resistência e partilha. Dessa forma, o ritual se consolida como um elo entre passado e presente, entre tradição e vivência espiritual contemporânea.

Na perspectiva histórica e simbólica, Dias (2013) enfatiza que a dualidade entre “o amargo e o doce” nas celebrações de Cosme e Damião representa também o equilíbrio entre sofrimento e alívio, entre as dores humanas e as recompensas espirituais. Essa leitura se reflete na própria festa da Estrela Dalva, em que o riso das crianças, o colorido das roupas e o aroma dos doces se misturam à seriedade das preces e cânticos. Trata-se de um espaço de ambivalência, onde o lúdico e o sagrado se fundem para expressar uma espiritualidade acessível e acolhedora.

De acordo com Nascimento (2017), o preparo das oferendas para Cosme e Damião, seja em terreiros ou residências, constitui um ato de devoção e cuidado. As mães e pais de santo, ao preparar doces e comidas específicas, reafirmam o compromisso com os valores de partilha e solidariedade que estruturam as religiões de matriz africana. Essa prática é igualmente observada na Tenda Estrela Dalva, onde a comunidade participa ativamente do preparo das comidas, tornando a festa um gesto coletivo de fé e pertencimento.

Alencar (2023) interpreta as oferendas como parte da “trama de remendos” característica das religiões afro-diaspóricas, em que elementos católicos, africanos e indígenas se interligam. No caso dos Erês, o sincretismo com São Cosme e São Damião reforça a convivência harmoniosa entre tradições distintas. Os doces e brinquedos distribuídos não simbolizam apenas devoção aos santos católicos, mas a celebração da infância espiritual que os Erês representam.

Esse sincretismo é vivenciado de forma plena na Estrela Dalva, onde as imagens dos santos convivem com os pontos cantados de Ibeji, entidade infantil do panteão iorubá. Para Travassos et al. (2008), o ritual de distribuição dos doces é um momento de comunhão, em que a fronteira entre o sagrado e o profano se dilui. Na Tenda Estrela Dalva, essa comunhão é reforçada pela presença da comunidade, que participa não apenas como espectadora, mas como agente do rito. Cada doce entregue às crianças simboliza uma bênção compartilhada, um elo de continuidade entre o espiritual e o social.

Ortiz (1985), aborda o conceito de “sincretismo científico” para descrever as teorias raciais do século XIX que influenciaram a formação da identidade brasileira.

Ele destaca que tais teorias, embora hoje desacreditadas cientificamente, exerceram grande influência na construção do imaginário social e cultural do Brasil, sustentando uma visão determinista e hierárquica das diferenças raciais. Ortiz explica que o sincretismo científico envolveu a tentativa de unir ideias de raça, cultura e civilização em uma síntese que justificava a construção social de uma identidade nacional mestiça, marcada pela mistura de europeus, africanos e indígenas. Essa abordagem evidenciou tanto as contradições quanto as tensões no modo como o Brasil buscou afirmar sua singularidade cultural, revelando um quadro complexo de pertencimento e exclusão que moldou profundamente as relações sociais no país.

Dias (2024) aprofunda essa compreensão ao afirmar que a devoção a Cosme e Damião, em sua forma afro-brasileira, representa uma pedagogia da alegria, em que o doce é o instrumento simbólico de aprendizado espiritual. O sabor e o gesto de ofertar tornam-se meios de educação moral e espiritual, pois ensinam a importância da generosidade e da empatia. Na festa da Estrela Dalva, esses valores são reatualizados anualmente, consolidando o evento como um marco de fé e solidariedade coletiva.

Por fim, Pimentel, Brito e Santana (2020) argumentam que as expressões afro-diaspóricas, como os rituais de oferenda, são também atos de resistência e reafirmação identitária. Na Tenda Estrela Dalva, os doces e as comidas dos Erês transcendem o simbolismo religioso e assumem dimensão política e cultural, ao reafirmar a presença viva da tradição afro-brasileira em um contexto ainda marcado por preconceitos religiosos. Desse modo, o doce, o brinquedo e o sorriso tornam-se, simultaneamente, oferendas de fé e gestos de resistência.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBSERVADOS

A observação da festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva permitiu compreender como os elementos religiosos, culturais e simbólicos se articulam na vivência espiritual da comunidade. Mais do que um evento festivo, a celebração se configura como um espaço de reafirmação da identidade afro-brasileira e de fortalecimento dos laços comunitários. Cada canto, cada gesto ritual e

cada oferenda expressam uma pedagogia da fé e da partilha, em que o sagrado se manifesta por meio do coletivo.

Segundo Farias e Weber (2021), os terreiros de Umbanda constituem-se como espaços de memória e resistência, onde se reconstróem narrativas de pertencimento e dignidade. A Tenda Estrela Dalva exemplifica esse papel ao manter viva uma religiosidade que valoriza tanto os aspectos espirituais quanto as dimensões sociais e afetivas da fé. A observação mostrou que a festa de Cosme e Damião é vivida como um momento de comunhão, no qual a espiritualidade se traduz em ações concretas de solidariedade — distribuição de doces, refeições e brinquedos — que reforçam o vínculo com a comunidade local. De acordo com Dias (2024), o culto de Cosme e Damião no Brasil se destaca por expressar uma religiosidade alegre e acolhedora, na qual o sagrado é vivido através da doçura e da celebração. Essa característica foi notável na Tenda Estrela Dalva, onde a festa foi marcada por um ambiente de entusiasmo e harmonia, permeado por músicas, danças e expressões de gratidão.

Figura 3- Festa de Cosme e Damião na Tenda Estrela Dalva



Fonte- Autoria própria, 2025

O autor observa que “a alegria das festas dedicadas aos santos médicos é uma forma de resistência simbólica, um modo de afirmar a vida em meio às adversidades” (DIAS, 2024, p. 78). Assim, a celebração na Estrela Dalva não apenas homenageia os Erês e os santos, mas também reafirma a esperança coletiva diante dos desafios cotidianos. A relação entre o simbólico e o social é igualmente ressaltada por

Travassos et al. (2008), ao afirmarem que as festas umbandistas, como a de Cosme e Damião, constituem espaços de diálogo entre o sagrado e o profano, entre o religioso e o comunitário.

Essa fusão de dimensões se expressa na forma como a Tenda Estrela Dalva organiza sua celebração, envolvendo crianças, vizinhos e devotos em um mesmo movimento de fé. O terreiro se torna, assim, um ponto de encontro e convivência, reforçando o papel das religiões afro-brasileiras como mediadoras de vínculos sociais.

O aspecto simbólico dos doces e das oferendas, conforme analisado por Freitas (2022), Castanha (2025) e Nascimento (2017), também emergiu com força durante a observação. A partilha das guloseimas, além de seu valor ritual, constitui uma forma de aprendizado coletivo, em que se ensinam valores de generosidade, respeito e cuidado mútuo. Freitas (2022) destaca que “a comida, na Umbanda, é mediadora de afetos e de axé”, o que foi plenamente perceptível nas práticas da Estrela Dalva.

As mães de santo e médiuns preparavam as comidas com dedicação e gratidão, entendendo o ato de cozinhar como extensão do trabalho espiritual.

Essa dimensão alimentar transcende a materialidade do alimento e se projeta no campo da sacralização da vida cotidiana. Castanha (2025) observa que o preparo das comidas de santo na Umbanda e na Quimbanda constitui um gesto de partilha entre o humano e o divino, no qual o alimento torna-se veículo de comunicação com as entidades. Durante a celebração de Cosme e Damião na Estrela Dalva, os doces distribuídos às crianças simbolizavam mais do que oferendas: representavam bênçãos, proteção e a manifestação do axé dos Erês, expressando a vitalidade espiritual do terreiro.

Nascimento (2017), ao analisar o culto doméstico aos santos em Cachoeira, aponta que o gesto de oferecer doces reflete uma pedagogia simbólica de generosidade e continuidade das tradições afro-brasileiras. No contexto da Tenda Estrela Dalva, essa pedagogia é reforçada pela presença das crianças da comunidade, que participam das oferendas, dos cânticos e das brincadeiras, vivenciando o sagrado de forma lúdica e afetiva.

O espaço do terreiro, assim, transforma-se em um território de memória e aprendizado, onde as gerações se encontram e fortalecem os laços comunitários. A celebração de Cosme e Damião também evidencia o sincretismo que caracteriza a religiosidade brasileira. Conforme discutido por Dias (2014), a devoção aos santos

gêmeos combina elementos do catolicismo popular com tradições africanas, produzindo uma experiência religiosa plural e dinâmica.

Na Tenda Estrela Dalva, essa fusão manifesta-se nas imagens dos santos católicos dispostas ao lado das guias coloridas e dos atabaques, compondo uma estética ritual que reafirma a convivência entre diferentes sistemas simbólicos sem hierarquização. O sincretismo, entretanto, não se resume à coexistência de imagens ou nomes, mas se expressa em um modo de viver a fé. Martins (2011) ressalta que, na Umbanda, o sagrado é sempre relacional: a comunicação entre os planos espiritual e material depende da harmonia entre médiuns, entidades e participantes.

Durante a festa, essa relação torna-se palpável por meio dos cânticos, das danças e dos passes espirituais, que criam uma atmosfera de encantamento e pertencimento coletivo. Cada gesto, cada oferenda e cada sorriso das crianças compõem o tecido simbólico que sustenta a prática religiosa. Segundo Carvalho e Bairrão (2017), a pluralidade de tradições na Umbanda não enfraquece sua coerência, mas, ao contrário, a fortalece enquanto espaço de mediação entre racionalidade e emoção, corpo e espírito. Na Estrela Dalva, essa pluralidade é percebida na diversidade dos fiéis, que vêm de diferentes origens sociais, mas compartilham a mesma crença na força dos Erês e na doçura como energia transformadora.

A festa, portanto, atua como um momento de reintegração simbólica, no qual a alegria infantil torna-se canal de cura e equilíbrio espiritual. Os rituais observados também reforçam o caráter comunitário da Umbanda. Farias e Weber (2021) destacam que as casas umbandistas funcionam como espaços de resistência cultural e de fortalecimento identitário, especialmente em contextos urbanos.

A Tenda Estrela Dalva reflete essa função ao reunir a comunidade em torno de um evento coletivo que ultrapassa o âmbito religioso e assume um papel social. A distribuição dos doces e alimentos, a recepção aberta ao público e o clima de fraternidade revelam um compromisso ético com o cuidado e a inclusão. A estrutura da celebração, com seus cantos, danças e momentos de incorporação, expressa o dinamismo e a criatividade que caracterizam as religiões afro-brasileiras.

Alencar (2023) descreve que as performances rituais são “tramas de remendos”, onde cada gesto ritual costura experiências espirituais e memórias coletivas. Na Tenda Estrela Dalva, as danças dos Erês, acompanhadas de cânticos alegres e palmas ritmadas, mobilizam o corpo e o espírito dos participantes, criando uma energia coletiva que reforça os laços entre os membros do grupo.

Do ponto de vista simbólico e estético, a festa é também um espaço de reconstrução identitária. Bártolo (2018) argumenta que o culto a Cosme e Damião se transforma em um “enredo urbano”, no qual a fé se mistura à vida cotidiana e às narrativas comunitárias. Na Estrela Dalva, a ornamentação colorida, as roupas brancas, os doces e brinquedos espalhados pelo salão traduzem a alegria de uma religiosidade que celebra a vida, o afeto e a solidariedade. Esse conjunto de símbolos materializa o encontro entre o sagrado e o popular, tornando o ritual um evento profundamente enraizado na cultura local.

A análise das práticas observadas confirma o que Pimentel, Brito e Santana (2020) denominam de “potência afro-diaspórica”, a capacidade das religiões de matriz africana de preservar, reinventar e transmitir saberes ancestrais. A festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva, portanto, não é apenas uma celebração devocional, mas também uma manifestação de resistência cultural e espiritual. Nela, a fé se traduz em doçura, partilha e alegria, reafirmando a importância da Umbanda como espaço de encontro, identidade e renovação simbólica.

A partir das reflexões de (LIMA; LIMA, 2016), sobre a legitimidade e visibilidade da Umbanda em Teresina, é possível perceber que o processo de institucionalização dessa religião envolveu uma expansão significativa das práticas religiosas para espaços públicos, o que contribuiu para que a Umbanda ganhasse maior reconhecimento e aceitação social na região. Os autores destacam que as festas e celebrações em locais públicos foram essenciais para fortalecer a identidade dos praticantes e ampliar o alcance da religião, ao mesmo tempo em que enfrentavam os preconceitos e disputas políticas do período. Nesse contexto, a visibilidade proporcionada por esses eventos públicos não apenas legitimou a Umbanda, mas também garantiu a resistência cultural e a manutenção dos saberes religiosos afro-brasileiros diante das adversidades sociais e políticas da época.

A dimensão estética da festa, marcada por cores vibrantes, músicas alegres e gestos espontâneos, também reflete o que Alencar (2023) chama de “trama de remendos”, uma composição plural de referências africanas, indígenas e católicas que se entrelaçam nas práticas religiosas afro-brasileiras. Na Tenda Estrela Dalva, essa mistura se manifesta na decoração do espaço, nas imagens de santos católicos lado a lado com símbolos dos Orixás e nas músicas que alternam português e iorubá.

Essa convivência de elementos distintos revela a flexibilidade e a riqueza simbólica da Umbanda, uma religião que acolhe múltiplas formas de expressão do

sagrado. Pimentel, Brito e Santana (2020) defendem que as manifestações afro-diaspóricas devem ser compreendidas como atos de resistência cultural, nos quais os corpos e os rituais se tornam instrumentos de preservação da memória coletiva.

Nessa perspectiva, a festa observada na Estrela Dalva assume também um caráter político, pois reafirma o valor das tradições negras e populares em um contexto ainda permeado por estigmas religiosos. Ao abrir suas portas à comunidade, a Tenda ressignifica o espaço urbano e religioso, transformando o terreiro em local de acolhimento, diálogo e afirmação da diversidade.

Essa leitura encontra respaldo em Carvalho e Bairrão (2017), que interpretam a Umbanda como uma religião em constante negociação entre tradição e modernidade. A observação revelou que, embora a Tenda Estrela Dalva preserve fundamentos ritualísticos antigos — como o toque dos atabaques, a incorporação e o uso de ervas —, ela também se adapta a novas realidades sociais, adotando práticas inclusivas e valorizando o papel das mulheres e das novas gerações no culto.

Essa flexibilidade é uma das forças da Umbanda contemporânea, permitindo que ela permaneça viva e significativa para diferentes públicos. A análise dos cânticos e dos pontos cantados da linha dos Erês mostra que a musicalidade atua como elemento de coesão espiritual e emocional. Alencar (2023) destaca que a dança e o canto, nas religiões afro-brasileiras, “são formas de narrar o invisível, de dar corpo às presenças espirituais” (p. 112). Durante a festa, os pontos dedicados aos Erês evocavam tanto alegria quanto respeito, criando um ambiente de profunda comunhão. Na festa de Cosme e Damião realizada na Tenda Estrela Dalva, foram cantados pontos para abrir a gira de Erês, tais como:

1- MENINA DO MARACUJÁ

eu sou menina do maracujá

Eu sou menina do maracujá

Se meu vestido faz uma rosa

Eu também sou rosa do maracujá

2- PONTO DAS CRIANÇAS

Papai me mande um balão

Com todas as crianças que tem lá no céu

Tem doce papai, tem doce papai
Tem doce lá no jardim

Essa musicalidade reforça a pedagogia da leveza que caracteriza a linha das crianças espirituais, onde a fé se expressa por meio da espontaneidade e da ternura.

Por fim, a observação permitiu constatar que a festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita Estrela Dalva extrapola a dimensão ritual e se converte em um evento de integração social. A presença de crianças, famílias e moradores do entorno reforça o caráter comunitário da celebração, que se torna um espaço de partilha e solidariedade.

Conforme Dias (2013), a “doçura” presente nessas celebrações é também uma metáfora da convivência social e do desejo de harmonia, constituindo um símbolo da esperança em meio às desigualdades e preconceitos. Dessa forma, a análise dos dados observados permite compreender que a festa de Cosme e Damião, mais do que um evento religioso, é uma expressão da força da Umbanda como religião de amor, inclusão e resistência.

A Estrela Dalva reafirma, em cada doce oferecido e em cada canto entoado, a continuidade de uma tradição que celebra a vida e o coletivo, mantendo viva a herança espiritual afro-brasileira e sua capacidade de transformar fé em gesto e espiritualidade em ação comunitária

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita de Umbanda Estrela Dalva evidenciou um conjunto rico e plural de significados que transcendem o âmbito estritamente religioso. Para mim, enquanto historiadora e pesquisadora, essa celebração representa uma manifestação viva de fé, solidariedade e identidade cultural, reforçando a Umbanda como um espaço de resistência e valorização das tradições afro-brasileiras. Observar a Tenda Estrela Dalva me possibilitou compreender que, além de preservar princípios espirituais, ela se mostra aberta às transformações sociais contemporâneas, evidenciadas pela festa de Cosme e Damião, na qual a presença dos Erês e a distribuição de doces simbolizam a união entre o sagrado e o humano. Os rituais cotidianos, os cantos, os gestos e as oferendas que presenciei são formas palpáveis de gratidão e esperança, reafirmando para mim o valor da fé enquanto prática coletiva e vital. Notavelmente, a importância da linha dos Erês na renovação das energias no terreiro foi um aprendizado fundamental, ressaltando o papel do riso, dos sons e das cores como elementos que traduzem a força e a vitalidade da espiritualidade umbandista em ação.

Além disso, a festa atua como um momento crucial para a reafirmação da identidade coletiva, promovendo a integração e o pertencimento da comunidade local. Essa experiência me ensinou que a Umbanda Estrela Dalva não está confinada ao terreiro, mas irradia seu significado estético, simbólico e social para todo o seu entorno, mostrando como o sagrado e o profano se entrelaçam para fortalecer vidas e relações. Essa visão pessoal reforça a concepção da Umbanda como uma religião inclusiva de amor, diversidade e transformação social, cuja espiritualidade se manifesta na alegria e na partilha.

O estudo mostrou que a linha dos Erês ocupa um papel especial dentro da casa, não apenas pela doçura e alegria que transmite, mas pela função simbólica de renovar as energias e fortalecer os vínculos entre os praticantes. O riso das crianças, os sons

dos atabaques e o colorido das oferendas traduzem a força vital que sustenta o terreiro, onde a espiritualidade é vivida de forma participativa e sensível. A simplicidade das ações carrega profundos valores éticos e espirituais, reafirmando a importância da pureza e da bondade como princípios universais.

A festa, além de seu caráter religioso, mostrou-se um momento de reafirmação da identidade coletiva. O envolvimento da comunidade local evidencia que a Umbanda não se limita ao espaço físico do terreiro, mas irradia sua influência para o entorno, promovendo integração, solidariedade e pertencimento. A partilha dos alimentos e doces é, ao mesmo tempo, um gesto de fé e um ato social que simboliza a união entre espiritualidade e vida cotidiana.

Outro aspecto relevante observado é a dimensão estética e simbólica presente em cada detalhe da celebração. As cores, as músicas e as danças não são apenas adereços festivos, mas expressões de uma linguagem própria, na qual o corpo, o som e o movimento se tornam meios de comunicação com o sagrado. Essa estética da alegria confere à festa um caráter único, em que o riso e a emoção se transformam em instrumentos de elevação espiritual.

A festa de Cosme e Damião na Tenda Espírita Estrela Dalva reafirma o papel da Umbanda como religião de amor, diversidade e inclusão. Sua força está na capacidade de unir pessoas em torno de valores comuns, de promover a paz e de celebrar a vida em todas as suas formas. O terreiro, ao abrir suas portas e corações à comunidade, faz do sagrado uma experiência acessível e transformadora, mostrando que a espiritualidade, quando vivida com alegria e partilha, se torna um caminho de renovação e esperança para todos.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, como historiadora, pude aprofundar significativamente minha compreensão sobre o caráter histórico da Umbanda, percebendo que sua formação não é um simples fenômeno religioso, mas um retrato da complexa trajetória cultural e social do Brasil. Esse processo histórico revela como a Umbanda se constituiu a partir de múltiplos encontros e sincretismos entre povos africanos, indígenas e europeus, refletindo resistências e adaptações frente às desigualdades e repressões. O que mais me impactou foi reconhecer a Umbanda como uma religião viva, que carrega camadas de história e memória coletiva, materializadas nas práticas, rituais e identidades que expressam tanto a ancestralidade quanto as transformações presentes.

Essa aprendizagem reforçou a importância de considerar o contexto histórico para entender não apenas a religião em si, mas também seu papel social e cultural na construção da identidade afro-brasileira. A partir dessa visão, pude valorizar ainda mais a riqueza e a relevância da Umbanda para o cenário religioso nacional e para a história do nosso povo.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Robert Rodrigues de. Dança de encantados: uma trama de remendos: o terecô na cidade de Teresina-PI. 2023.
- BÁRTOLO, Lucas. Cosme e Damião: o enredo de uma cidade. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 23, 2018.
- BAPTISTA, Eveline Rodrigues; ALEXANDRE, Vagner. Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de umbanda. *Psicologia & Sociedade*, Uberlândia, v. 31, e25312, 2019.
- BRITTO, Leonardo Lucas; SOUZA, Sérgio Luiz de. Entre práticas e saberes: incorporação de encantados na Umbanda. *Revista Labirinto*, Porto Velho, v. 28, n. 1, p. 129-142, 2018.
- CANCELLO, Ana Paula de Oliveira; ALVES, Luciana Ferreira; SOUZA, Janayna Freitas de. Pesquisas e relatos das culturas infantis no Brasil. 2021. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/78513549/18997-libre.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- CARVALHO, Juliana Barros Brant; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Fios da razão: tradição e pluralidade na umbanda em Pontal. **Interação em Psicologia**, v. 21, n. 2, 2017.
- CASTANHA, Taísa Domiciano. Práticas alimentares na umbanda e na quimbanda norte mineira. **Religião & Sociedade**, v. 45, n. 1, p. e450105, 2025.
- DIAS, Júlio Cesar Tavares. As origens do culto de Cosme e Damião. **Sacrilegens**, v. 11, n. 1, 2014.
- DIAS, Júlio César Tavares. **Cosme e Damião entre o amargo e o doce: tensões e aproximações no campo religioso brasileiro**. Editora Dialética, 2024.
- DIAS, Júlio César Tavares. UM SIMPLES DOCE. **Perspectivas Sociais**, n. 1, 2013.
- DINIZ, Edson Soares. Um terreiro de Umbanda em Belém do Pará. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 17, p. 7-17, 1975.

- FARIAS, Ariany; WEBER, Regina. Narrativas e histórias sobre a umbanda em Teresina. **PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion**, v. 12, n. 2, p. 101-121, 2021.
- FREITAS, Morena Barroso Martins de. Comida de Criança: doces (e) ibejadas da umbanda. **Religião & Sociedade**, v. 42, n. 2, p. 67-91, 2022.
- JORGE, Luiz Antônio. *Religiões no Brasil: diversidade e complexidade*. São Paulo: Contexto, 2013.
- LOPES, Rodrigo Barbosa. Terreiros: Um estudo sobre a umbanda como prática social. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.
- LIMA, Sabrina Verônica Gonçalves; LIMA, Solimar Oliveira. Umbanda: legitimidade e celebração. A experiência da religião afro-brasileira em Teresina (PI) na década de 1970. **INFORME ECONÔMICO (UFPI)**, v. 36, n. 1, 2016.
- MARTINS, Giovani. **Umbanda de Almas e Angola: ritos, magia e africanidade**. ICONE EDITORA LTDA, 2011.
- MENEZES, Renata; FREITAS, Morena; BARTOLO, Lucas (orgs.). Doces Santos: devoções a Cosme e Damião. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020. p. 13-19. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/15413/3/9786557290064.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- NASCIMENTO, Luisa Mahin. No dia da festa dele...: Culto doméstico a Cosme e Damião em Cachoeira/Bahia. **Novos Debates**, v. 3, n. 1-2, p. 11-19, 2017.
- NASCIMENTO, Luísa Mahin Araújo Lima do. No dia da festa dele... Culto doméstico a Cosme e Damião em Cachoeira / Bahia. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016. Disponível em: https://ufrb.edu.br/pgcienciassociais/images/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Lu%C3%ADsa_Mahin.pdf. Acesso em: 24 nov. 2025.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *A Umbanda como expressão de religiosidade popular*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PIMENTEL, Claudio Santana; DA COSTA BRITO, Ênio José; DA SILVA SANTANA, Ursulina Maria. Os estudos afro-diaspóricos no Brasil: levantamento de dissertações II (2010-2017). **identidade!**, v. 24, n. 2, p. 32-68, 2020.
- RIET, Roni. A Umbanda Antes de Zélio Fernandino de Moraes. [S.l.]: [s.n.], 2025. 212 p. Disponível em: <https://loja.uiclap.com/titulo/ua97679/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

RIVAS NETO, Joaquim. *Cosmologia e prática religiosa na Umbanda*. Salvador: EDUFBA, 2015.

ROHDE, Bruno Faria. *A umbanda tem fundamento, e é preciso preparar: abertura e movimento no universo umbandista*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SCÁRABELO, Maria. *Umbanda contemporânea e identidades culturais*. São Paulo: Annablume, 2020.

SILVA, Reginaldo Conceição da. *Na gira da umbanda": exercício etnográfico sobre expressões de afro-religiosidade na "fronteira" e no Terreiro da Cabocla Jurema em Tabatinga, Amazonas*. 2025. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/430>. Acesso em: 23 nov. 2025.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset et al. A Gruta de São Cosme e Damião e a Umbanda, Cordisburgo, Minas Gerais. **Pesquisa em Turismo e Paisagens Cársticas**, v. 1, n. 2, p. 165-172, 2008.

VELHO, Octávio. Globalização: antropologia e religião. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n.1,p.738abril.1997.Disponívelem:<https://www.scielo.br/j/mana/a/fskvjb6LX7ZgZ7NKFxdMWtk/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2025.

VERGER, Pierre. *Os orixás*. Salvador: Corrupio, 1995.

VIEIRA, Carlos. *Teologia das entidades umbandistas*. São Paulo: Loyola, 2016.